

Diversão & Arte

OSCAR 2025



NA LISTA DE INDICADOS AO PRÊMIO, OS LONGAS **A VERDADEIRA DOR** E **SETEMBRO 5** ESTREIAM. AINDA NO CIRCUITO LOCAL, HÁ TÍTULOS DESTINADOS ÀS CRIANÇAS E À LUTA CONTRA O PRECONCEITO

TEMPORADA DO OSCAR



Searchlight Pictures/Divulgação

A verdadeira dor multiplica o talento de Jesse Eisenberg (E)

» RICARDO DAEHN

Até menos de cinco minutos de carro de Lublin (Polônia) está o cenário mais intenso para o drama (com moderado tom cômico) *A verdadeira dor* — candidato a dois prêmios Oscar: melhor roteiro (Jesse Eisenberg) e melhor ator coadjuvante (Kieran Culkin). Um campo de concentração (Majdanek, em perímetro absolutamente urbano) puxa memórias nunca aplacadas entre personagens (da vida real) e uma austeridade para a excursão comandada, na ficção, pelo britânico James (Will Sharpe).

No enredo do filme, os primos David (Eisenberg) e Benji (Kieran Culkin) saem dos Estados Unidos rumo à Europa a fim de restaurarem dados da família, no passado, imersa na Segunda Guerra. “Houve a exploração (de mim mesmo), tentando entender minha própria

vida moderna em relação ao trauma que familiares experimentaram. Essa foi a semente espiritual do longa”, já admitiu o diretor Jesse, em entrevista internacional.

De vida regrada, David acolhe o primo Benji para redescobrir traços da família e desfazer a confusão, no dia a dia, dos sentimentos de se ver como completo privilegiado. “A parte triste para mim no filme vem do sentimento de inadequação do meu personagem. Entretanto, foi gratificante, pelo efeito terapêutico”, confessou Jesse, em recente entrevista coletiva norte-americana para divulgar o longa.

Propiciar uma viagem confortável para o público ter acesso a lugares obscuros veio como meta, no filme. David e Benji se vêem acompanhados por figuras como Eloge (Kurt Eguianwan), convertido ao judaísmo, depois de passar pelo período de genocídio em Ruanda e a recém-solteira Márcia (Jennifer

Grey, a estrela oitentaista de *Curtindo a vida adoidado* e *Dirty dancing*).

Além de contar com a experiência de Emma Stone (atriz duas vezes vencedora de Oscar), o diretor Jesse Eisenberg se viu qualificado por viagem europeia feita há 16 anos. Vencedor do Globo de Ouro, do Critics Choice e do Emmy (pela série *Succession*), Kieran Culkin empresta o brilho para o filme. “Eu o amo e o odeio e quero matá-lo e quero ser ele. Ver Kieran interpretando esse personagem tão amorosamente, mesmo quando ele está sendo insuportável, traz a vontade de você agredi-lo, e logo abraçá-lo e perguntar se sua bochecha já dói menos”, comentou Jesse à imprensa estrangeira. Livre e incontrolável, Kieran demandou, inclusive, mudanças de curso no estilo de trabalho do diretor de fotografia Michael Dymek que abriu mão de protocolos para filmagens mais elaboradas.

NO AR, SEM CORTES

Depois de competir pelo título de melhor filme no Globo de Ouro e de receber indicações a melhor roteiro e melhor edição pelo Critics Choice Awards, o novo longa-metragem do sôco Tim Fehlbaum, *Setembro 5*, galgou a indicação ao Oscar de melhor roteiro, num trabalho que uniu Fehlbaum aos roteiristas Alex David e Moritz Binder. Ambientado em 1972, *Setembro 5* se concentra em eventos reais que vieram na sequência de ataques terroristas durante as transmissões televisivas, em Munique, dos Jogos Olímpicos de Verão.

O esforço do produtor Geoff (John Magaro) em impressionar um dos chefes, o executivo Boone Arledge (Peter Sarsgaard), impulsiona a trama. Os esforços de Geoff, ladeado pela tradutora Marianne (Leonie Benesch) e o inseparável amigo Marvin Bader (Ben Chaplin), em encabeçar as transmissões ao vivo do evento comandam a cena. A existência de reféns e limitações de tempo impõem pesadas escolhas na equipe americana de tevê que goza de um público estimado em um bilhão de espectadores.

Diretor de filmes financiados em coprodução entre Alemanha e Suíça, Fehlbaum, entre os quais comandou o apocalíptico *Um inferno* (2011) e um tratado sobre infertilidade de ocupantes de uma fictícia colônia espacial, em *Refúgio* (2021). Entre os produtores, o filme conta com o ator e diretor Sean Penn e John Wildermuth (de *Alerta vermelho*, com Gal Gadot).

A edição de Hansjorg Weibrich é um dos triunfos do longa, tendo vencido prêmios nos âmbitos da Associação de Críticos de Utah, Sociedade de Críticos de San Diego, Los Angeles Film Critics e o Festival de Filmes de St. Louis. Competiu ainda pelo Independent Spirit Awards. Além de lembrado na categoria de melhor filme, pelo corpo de críticos de Nova York, o longa competiu, no Festival de Veneza, ao prêmio do público e, no Denver Film Festival, a atuação de Ben Chaplin (o mesmo de *Além da linha vermelha*) foi reconhecida como a melhor.



Fernanda Torres veste Chanel, na Semana da Moda, em Paris

VESTIDA PARA ARRASAR

Dois meses depois de ser capa da Vogue brasileira, e agora vencedora do Globo de Ouro, além de indicada ao Oscar, a atriz Fernanda Torres fez aparição de peso na celebração dos 110 anos da Chanel. Escalada para a primeira fileira do desfile parisiense, no Grand Palais, Torres vestiu peça da coleção Métiers d'Art 2025.

DE GRAÇA

CRIANÇADA EM FESTA

Com direito à exibição de três premiados filmes feitos na cidade, em programação integrada por outros 18 filmes de 12 países, o 6º Festival de Cinema Fantástico de Brasília terá início, com programação gratuita, a partir das 14h30, no CCBB (SCES Tr. 2). Toda a programação que traz curadoria de Josiane Osório aposta em temas que fletam com lendas, mistério, surrealismo e clima de aventura. Até 2 de fevereiro, os filmes serão apresentados no vão livre do CCBB. Uma Oficina de stop

motion chamada Monstros do Espaço, destinada ao aprendizado para obras amadoras a serem criadas para celular, tomará o espaço, sábado, entre 9h e 11h, e no domingo a partir das 10h, sob coordenação da artista plástica Brida Abajur. Será para crianças entre 6 e 12 anos, com inscrições em site (bh.com.br/cultura)

Exemplos de filmes a serem mostrados no festival está em Manual do herói (de Fáuston da Silva), atração das 16h de sexta. A reação a um assalto de ônibus dá princípio ao enredo que rendeu prêmio de melhor ator para Eduard Ydirinya (no 26º Troféu Câmara Legislativa do DF Mostra Brasília). “Fáuston provoca o público a reflexões sobre

questões profundas, como o ambiente escolar, relações humanas e os desafios da civilidade. Seus filmes trazem abordagens filosóficas, tratam de desigualdades e dos problemas estruturais da sociedade. Ele explora temas universais a partir de uma perspectiva brasileira. Nas obras, ele contextualiza realidades específicas e criando um diálogo entre diferentes mundos e experiências”, pontua a curadora Josiane. Manual do herói, como ela ressalta, utiliza a dicotomia entre o bem e o mal para explorar dinâmicas entre os personagens e discutir ainda o papel dos omissos, dos que não marcam posição dentro de embates.

Hoje, o bloco de filme das 14h30 trará

o curta *Terra estranha*, da animadora belga An Vrombaut, que explora o jogo de esconde-esconde tornado real entre animais moradores da savana. Em crise, a protagonista de *Irmãos* é retratada em animação na qual revive traumas da adolescência na China. Sucesso de Brasília, criando por Ricardo Makoto e Alex Ribondi, *PiOinc* também está na virtine do CCBB, depois de vencer como melhor filme na 23ª Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis (por júris infantil e oficial). As 16h, de hoje, um dos curtas apresentados será o iraniano *Soo*, de Roya Salimi, que mostra uma jornada no mundo dos reflexos, depois que, gradualmente, personagem percebe o sumiço das

cores em seu corpo. Também lidando de perda, mas no caso de animal doméstico, *Dedê está morta* promete algo de reparação de dores, diante do poder de criação do diretor Philippe Kastner.

Amanhã, às 14h30, um dos filmes é de Diego Maia: Barra nova, no qual emoções de protagonista jovem se chocam, enquanto, na natureza, ela observa a harmonia constante entre fluxos do mar e do rio. Outro filme do cineasta de Brasília Fáuston da Silva está programado: *O ba-lãozinho azul*. No bloco seguinte, às 16h, um dos títulos, *Adorável evolução*, trata de distopia e envolve um mundo assolado pela reciclagem, tudo sob o atento olhar de bebê de nove meses.

CINEMA PLURAL

Com altas doses de criação artística na periferia carioca, o diretor Luciano Vidigal apresenta o lançamento do filme *Kaza branca*, em que explora o tema de afinidades entre um esforçado rapaz (Big Jaum) que auxilia na rotina de Dona Almerinda (Teca Pereira), diagnosticada com Alzheimer. Entre 11 prêmios faturados pelo título, o coadjuvante Diego Francisco despontou, ao dar vida para o empenhado Adrianim, amigo do protagonista que só pretende fazer a coisa certa. Diego falou com o *Correio* sobre o papel.

Três perguntas // Diego Francisco, ator

Como vê as alianças entre os jovens que reajustam visão de família?

Eu acho que é essencial essa aliança enquanto coletividade. Tem que ter esse apoio. É importante que exista, em momentos de dificuldade. Acredito que tem coisas que a gente passa sozinho mesmo, mas é importante ter pessoas ali para te ajudarem nos momentos de dificuldade, de fragilidade. Acho que o filme *Kaza Branca* mostra muito disso. Há coletividade, independentemente de qualquer questão particular que cada pessoa passa. Há tentativas de os personagens se levantarem juntos, como grupo. Quem tem esses apoios é muito

privilegiado: o afeto cura qualquer dor. É uma revolução mesmo, é uma arma muito poderosa. E acho que o *Kaza Branca* traz muito essa mensagem de parceria e de amizade.

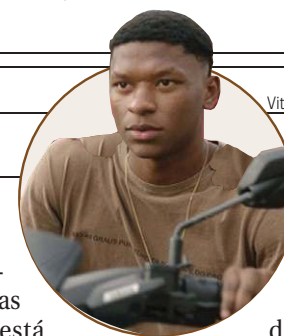
Por que tanto desencanto amoroso entre jovens? Eles apostam em relações duradouras?

O Adrianim, meu personagem, está passando por um momento de fragilidade. Vive a desilusão e tenta reconquistar os sentimentos da pessoa que já não está tão receptiva a aceitar uma reconquista dele, por conta de uma traição da parte dele mesmo. Ele passa por sofrimento e acaba encontrando esse acalanto

na mãe, que é essa figura que, apesar de pegar no pé dele, querendo que ele seja melhor e que cresça, mas no momento em que ele está passando por essa fragilidade, ela dá esse colo para ele, que é importante para caramba. E, ao mesmo tempo em que ele encara a vulnerabilidade, ele trata de ajudar. Isso é muito bonito de se ver.

Como vê a personagem Thalita (Gi Fernandes), com quem Adrianim se relaciona?

Há um dado falado de uma forma diferente, que é o sofrimento da



Vitrine Filmes

Thalita. Ela já perdeu bastante vezes também esse cara (que interpreto) e decidiu focar na carreira, depois de muito tempo nessa relação. Vemos que há sentimento, conexão, mas que talvez já não faça sentido para eles. E a Thalita está passando por essa dor também, né?! E acaba jogando isso na carreira. São muitas camadas que essa relação amorosa entre os dois trazem, e ainda a relação com ele mesmo, com o Adrianim... Ele tenta se entender, entender seus sentimentos como homem preto, periférico, e estando junto dos amigos...